

# Associação Nacional de História – ANPUH

## XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

### Cultura Racional e Letramento

Ricardo Neumann  
Professor Orientador: Artur Cesar Isaia

A Cultura Racional é uma organização extremamente peculiar. Mesmo com um discurso que contém diversas características de um discurso religioso (ORLANDI,1987), a mesma não se autodesigna como uma religião. Toda essa singular posição pode ser melhor compreendida com uma análise do contexto onde se deu a criação da mesma.

Alicerçada exclusivamente na obra bibliográfica, *Universo em Desencanto*<sup>1</sup>, a Cultura Racional se auto compreende como um “movimento cultural” que, através de seus livros, levaria os seres humanos ao entendimento de sua natureza, origem e destino. Para os estudantes, como são chamados seus adeptos, a Cultura Racional é a “verdade das verdades”. Um conhecimento “conclusivo”. Este conhecimento, que estaria nas obras *Universo em Desencanto*, teria sido recebido<sup>2</sup> pelo criador da Cultura Racional, Manoel Jacintho Coelho, junto à entidade única e suprema do movimento, o Racional Superior<sup>3</sup>. Assim podemos observar que mesmo tentando afastar-se de uma conotação religiosa, a Cultura Racional foi criada a partir de uma “mensagem transcendental”, e nos seus ensinamentos diz “possuir” as “respostas” para as questões existenciais fundamentais (de onde viemos, o que somos e para onde vamos?).

Toda essa singular construção discursiva está nitidamente ligada ao contexto que cercava o campo religioso<sup>4</sup> na época da criação do movimento. Seu fundador Manoel Jacintho

<sup>1</sup> Essa obra soma mais de mil volumes (21 da obra, mais 21 da replica, 21 da treplica e 943 livros do Histórico) e só foi terminada por Manoel Jacintho Coelho em 04 de Junho de 1988.

<sup>2</sup> (...) a teoria sociológica (e na verdade, qualquer outra teoria que se move na estrutura das disciplinas empíricas) sempre a de encarar a religião *sub specie temporis*, deixando aberta necessariamente, portanto, a questão de se e como ela também poderia ser vista *sub specie aeternitatis*. Assim, a teoria sociológica deve, por sua própria lógica, encarar a religião como projeção humana e, pela mesma lógica, não pode ter nada a dizer acerca da possibilidade de esta projeção se referir a algo além do ser que a projeta. (...) a teoria sociológica (e na verdade, qualquer outra teoria que se move na estrutura das disciplinas empíricas) sempre a de encarar a religião *sub specie temporis*, deixando aberta necessariamente, portanto, a questão de se e como ela também poderia ser vista *sub specie aeternitatis*. Assim, a teoria sociológica deve, por sua própria lógica, encarar a religião como projeção humana e, pela mesma lógica, não pode ter nada a dizer acerca da possibilidade de esta projeção se referir a algo além do ser que a projeta. Ver (BERGER, 1985), p. 186.

<sup>3</sup> Entidade suprema da Cultura Racional (equivalente a Deus para os cristãos), que teria ditado seus ensinamentos sobre, de onde vem, o que são e para onde vão os seres humanos, a Manoel Jacintho Coelho.

<sup>4</sup> Vamos nos ater à noção de campo religioso, conforme aparece em Pierre Bourdieu. Ou seja, como um desigual sistema de forças (religiosas), dotadas de uma desigual acumulação de capital simbólico. Ou, nas palavras do

Coelho, era até o dia 04 de outubro de 1935, quando teria iniciado suas comunicações com o Racional Superior, um médium de Umbanda. Essa informação nos remete ao campo religioso mediúnico<sup>5</sup> daquela época. Esse, na década de trinta, sofria com a intensificação da perseguição as religiões mediúnicas. Fundamentalmente as de origem afro, como o Candomblé e a Umbanda. As novas condições de urbanização dos grandes centros do sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) foram um fator preponderante nesse processo (ORTIZ, 1978). Já que as praticas rituais das religiões mediúnicas afro não se “adaptavam”, na visão das elites “civilizadas”, à nova ordem vigente decorrente do crescimento das cidades. Com isso, intensificou-se o trabalho dos chamados “intelectuais da Umbanda”<sup>6</sup>, que tentavam dotá-la de um reconhecimento social de seu capital simbólico<sup>7</sup>. Ortiz (IDEM), fala de um processo de “legitimação racional”, no qual esses intelectuais tentarão dotar a Umbanda de uma base doutrinária escriturística, a fim de separá-la do caráter ágrafo do Candomblé.

Naquele contexto se tinha a visão de que uma religião mediúnica teria, teoricamente<sup>8</sup>, mais reconhecimento social quanto mais tendesse para o lado Kardecista do campo mediúnico<sup>9</sup>, ou seja, com ênfase no escriturístico. Manoel como médium de Umbanda

---

mesmo “Equanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de *especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘*corpus*’ *deliberadamente organizado* de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em leigos (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do *capital religioso* (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal”. Ver (BOURDIEU, 1987), p. 39.

<sup>5</sup> Reconhecemos, a partir de Bourdieu um campo mediúnico. Este é formado por várias denominações, que professam a crença na reencarnação e na comunicação entre os espíritos, dotadas de desiguais processos de acumulação simbólica (algumas são mais reconhecidas que outras). Embora não possamos articular totalmente a Cultura Racional ao campo mediúnico, vamos enfocá-la interagindo constantemente com este.

<sup>6</sup> Por intelectuais da Umbanda vamos entender aqueles umbandistas que em um determinado contexto (primeira metade do século XX) “desenvolveram todo um discurso denunciador de práticas “fetichistas e supersticiosas”, avessas [para os mesmos] ao progresso e a civilização”, então perseguidos pelos mesmos através de uma tentativa de codificação da Umbanda. Ver (ISAIA, 1999), (11): 97-120. Entre esses intelectuais da Umbanda podemos citar, Emanuel Zespo e Martha Justina.

<sup>7</sup> Por capital simbólica entendemos, segundo Bourdieu, que “sendo uma relação de comunicação entre um emissor e um receptor, fundada no deciframento, e portanto na operação de um código ou de uma competência geradora, a troca lingüística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital lingüístico, e um consumidor (ou um mercado), capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico. Em outros termos, os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos. (BOURDIEU, 1996), p. 53.

<sup>8</sup> Como já colocamos não devemos nos esquecer que muitos estudos nos mostram que a realidade das praticas populares não andam sempre de acordo com as idéias dos produtores de sentidos. O que não é também relevante a nossos estudos, que não buscam interpretar as recepções dessas idéias, mas a sua concepção.

<sup>9</sup> Nesse sentido podemos entender o campo mediúnico como um “continuum”. Segundo Candido Procópio o “continuum” constituiria um gradiente que abarca desde as formas mais africanistas da Umbanda até o Kardecismo mais ortodoxo, no qual “o princípio teórico que preside a organização do “gradiente” umbandista é a doutrina Espírita da evolução, aplicada no sentido de valorização máxima da vivência religiosa de feitio internalizado e ético e de desconsideração pelas formas materiais do culto, especialmente aquelas que implicam o uso do álcool e fumo, símbolos do “atraso” e dependência da matéria”. Ver (CAMARGO, 1961).

estava inserido em todo esse processo dinâmico de “reestruturação” das religiões mediúnicas. Dessa forma podemos relacionar a tentativa de fuga do campo religioso e a busca pelo letramento como “salvação”, como estratégias de criação da Cultura Racional. A leitura da obra *Universo em Desencanto* como único caminho de salvação está nitidamente ligada a uma investida de Manoel em um nicho do mercado religioso mediúnico crescente na época, a parcela de seguidores das religiões mediúnicas que pretendia aderir a uma opção mais letrada de religião mediúnica, mais “racionalizada” e menos ligada ao caráter ritual. Dessa forma, podemos observar o porquê da estratégia de criação da Cultura Racional estar tão imbricada com a idéia de leitura e letramento.

### **O Letramento como “salvação”**

Podemos interpretar a idéia de letramento como salvação de duas maneiras. Primeiramente poderíamos pesquisar, sociologicamente, a idéia pregada por Manoel de que a leitura da obra *Universo em Desencanto* levaria o seu leitor, literalmente, a “salvação”. Mas a face à qual privilegiaremos nesse texto, é a que expõe o letramento como “salvamento” da própria condição de “existência” de uma religião mediúnica naquele contexto.

Embebido por toda uma maré de influências, que rondavam o campo religioso mediúnico daquela época, Manoel, como médium de Umbanda, certamente se apropriou<sup>10</sup> de muitas das idéias a respeito da “racionalização” da mesma, na criação da Cultura Racional. Em suas leituras podemos perceber um forte caráter pessoal, já que Manoel faz um uso muito particular de todas as influências daquele momento de metamorfose do campo religioso mediúnico, dando ênfase total ao escriturístico em sua criação.

Essa ênfase como podemos observar fez parte de toda a estratégia do ex-médium de Umbanda na sua tentativa de cooptação de adeptos para seu movimento. Procurando captar os adeptos dissidentes das religiões mediúnicas ritualizadas, Manoel fez da leitura o alicerce de seu movimento. Dessa forma o mesmo entrava assim em uma disputa com seus antigos “correligionários”. Nesse sentido podemos observar que a ideologia religiosa se transformou (BOURDIEU, 1987), Manoel mudou suas premissas, numa tentativa de atingir mais intensamente o mercado religioso em transformação da época. Essa oferta de bens de salvação “racionalizados” teve espaço quando a urbanização das grandes cidades “pediu” por mais “racionalidade” nos rituais das religiões mediúnicas. Dessa forma podemos observar que Manoel estava propondo uma “resposta” para uma demanda existente naquele contexto.

---

<sup>10</sup> Ver (CHARTIER, 1990).

Buscando dessa forma emplacar suas idéias e conseqüentemente afirmar-se perante uma parcela do campo religioso.

Como podemos observar em Bourdieu, “o capital de autoridade religiosa de que dispõe uma instância religiosa depende da força material e simbólica dos grupos ou classes que ela pode mobilizar oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses” (IDEM). Ou seja, a oferta de Manoel buscou captar esses “descontentes” do campo mediúnico, os quais, certamente, aderindo a seu movimento, lhe dariam plausibilidade e poder. Nesse sentido observamos, ainda em Bourdieu (IDEM), que essa mudança da ideologia religiosa, como as transformações de Manoel, fazem parte da dinâmica do campo religioso. Já que nesse, agentes como sacerdotes, leigos e profetas enfrentam-se por suas convicções, e transformam suas doutrinas, e assim defendem seus quinhões de mercado religioso.

A criação de Manoel aparece no campo mediúnico em um momento e de uma forma extremamente “oportunista”. Na percepção de Manoel um movimento que fosse tão afastado do caráter ritual e totalmente baseado na leitura e no letramento não teria como não atingir as necessidades dos participantes do campo religioso mediúnico daquele contexto. Dessa forma sua idéia foi, ao radicalizar as idéias dos intelectuais da Umbanda, tentar tornar-se a “solução” para os “novos cidadãos” órfãos de racionalidade”.

Sua tentativa de abarcar os fiéis, preponderantemente os de sua antiga filiação, e tornar-se ele mesmo um produtor de sentidos com extrema influência foi barrada pelo forte apelo que o caráter ritual tem junto a maioria do público do campo religioso brasileiro. Motivo de sucesso das igrejas pentecostais e neopentecostais, o caráter ritual “retornaria”, como se alguma vez o tivesse deixado completamente, décadas depois às próprias religiões mediúnicas, principalmente as afro.

A procura do ritual como caminho de interlocução religiosa é de certa forma substancial para o sucesso de uma empresa religiosa em nosso país. Certamente o discurso dos intelectuais da Umbanda não tinha tanto eco entre as camadas mais populares da sociedade brasileira. Assim a estratégia de mercado de Manoel não cativou tantos fiéis quanto acreditou um dia poder cooptar. Com uma parcela ínfima do mercado religioso brasileiro atual, mais ou menos, quinze mil adeptos<sup>11</sup>, a Cultura Racional não prosperou como empresa de salvação tanto como esperava Manoel. Com uma ideologia extremamente vinculada ao momento de sua criação, a mesma, que atingiu seu auge na década de setenta, quando Tim

<sup>11</sup> Segundo números da mesma. Lembramos que segundo números do IBGE (Censo 2000) Hinduístas, por exemplo, são 2.979. Ou seja, quando colocamos que a participação da Cultura Racional é mínima estamos comparando a mesma com os gigantes do campo religioso como os Católicos romanos, ou os Evangélicos.

Maia participou do movimento, foi paulatinamente decaindo em número de adeptos após sua década de apogeu. Vários foram os motivos da derrocada da Cultura Racional. As suspeitas de fraude financeira por parte de seu criador, a saída de Tim Maia do movimento, justamente por esse motivo. Mas com certeza a pouca familiaridade da maioria dos brasileiros com a cultura escrita e com a leitura, além da falta do caráter ritual, foram certamente os motivos que impediram que esse movimento realmente tivesse chances de cair nas graças do consumidor do mercado religioso brasileiro.

Entretanto fica aqui uma ressalva. Em nossas pesquisas nos deparamos com um enorme número de *sites* sobre a mesma, além de depoimentos de leitores da obra de Manoel que não se dizem adeptos “formais” do movimento. Esse fato nos abre inúmeras questões. Uma delas é a que liga esses acontecimentos, a *internet* como meio de divulgação e a leitura “descompromissada”, ao atual momento do campo religioso, onde é possível um muçulmano ir numa seção Espírita ou um católico ler um livro da Cultura Racional, ou montar um *site* da mesma. Ou seja, o presente momento do campo religioso pode abrir diferentes perspectivas, tanto para a Cultura Racional, quanto para nossos futuros estudos sobre a mesma. Pois a mesma pode ter permanecido com o mesmo pensamento, mas o campo religioso certamente sofreu inúmeras mutações, que conforme os indícios podem estar atingido as formas como os consumidores do campo religioso podem perceber a mesma.